

PERFORMANCES E POÉTICAS DO CORPO: MULHERES EM VERSO NA PANDEMIA

MOURA, Heleniara Amorim ¹; TAVARES, Marie Luce ²; FREITAS, Mônica de ³; ROCHA, Heloísa DE Souza ⁴; TAVARES, Paloma Fernanda Sabino ⁵; SILVA, Luciana Baêta ⁶.

1 Orientadora: Pesquisadora do IFMG, Campus Ouro Branco; heleniara.moura@ifmg.edu.br

2 Coorientadora: Pesquisadora do IFMG, Campus Ouro Branco; marie.tavares@ifmg.edu.br

3 Coorientadora: Pesquisadora do IFMG, Campus Ouro Branco; monica.freitas@ifmg.edu.br

4 Bolsista (IFMG), Curso Informática, IFMG Campus Ouro Branco, Ouro Branco - MG; heloisarocha2003@gmail.com

5 Bolsista (IFMG), Curso Informática, IFMG Campus Ouro Branco, Ouro Branco - MG; palomafernandastavares@gmail.com

6 Bolsista (Voluntária), Curso Informática, IFMG Campus Ouro Branco, Ouro Branco - MG; lucianabaetasilva@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho traz considerações acerca das experiências artísticas realizadas pelo Coletivo Matricarias, grupo criado por estudantes secundaristas em 2019, que possui a linguagem da performance como ponto central de sua atuação. Desde sua criação, o coletivo apresentou seus gritos poéticos de resistência, tanto no interior da escola - IFMG Campus Ouro Branco, quanto nas ruas. Em 8 de março de 2020, num evento do 8M, organizado por vários grupos de mulheres, o Coletivo Matricarias fez a apresentação do "Recital Cênico-poético Resistência". A apresentação teve a participação especial da bailarina Clarice Barbosa e poemas autorais e canções representaram a presença dos corpos das mulheres no mundo, suas angústias, opressões, buscas e resistências. Contudo, a partir de março de 2020, outros campos de luta foram travados e a pandemia da COVID-19 limitou um dos eixos básicos do grupo: a presença do corpo, da performance, do coletivo. A última produção artística veio em mídia digital: em agosto de 2021, as Matricarias divulgaram em sua rede social *Instagram* um vídeo-poema sobre "o amor entre mulheres, realizado por mulheres sáficas". Além de explorar novos suportes e linguagens, o Coletivo passou a fazer reuniões via *Google Meet*, trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritoras contemporâneas e obras artísticas de performers brasileiras. Nesse processo, observou-se que uma gama plural de artistas citadas pelo coletivo não dialogava com o conteúdo de arte e literatura da sala de aula das estudantes, mas conversava intensamente com seus corpos e suas histórias. Outra ação do coletivo esteve atrelada à preocupação de compreender a própria performance naquele momento, destacando-se o encontro com a artista Yasmin Formiga para discussão sobre performance: objetos relacionais, dança, música, teatro, fotografia e interatividade. Além disso, conversas com outros coletivos como o *Mulheres em Perspectiva* trouxeram outros olhares, ajudando a reelaborar essa ausência/presença do corpo. O projeto de pesquisa teve como objetivo demarcar as articulações do pensamento decolonial a partir de poéticas do corpo, analisando a arte, como salienta Stela Fischer (2017), como um espaço de experimentação identitária no qual as diferenças são aceitas/estimuladas e as relações de poder e opressão são denunciadas. Nesse sentido, a pesquisa analisou os contextos de produção das performances desses "corpos poéticos" em cena no Coletivo Matricarias, bem como, seus impactos junto ao público. O aprofundamento teórico, na pesquisa, deu-se através de textos de Stela Fischer para discussão sobre a performance como linguagem artística e Daniela Lima para estabelecer uma relação entre o corpo-utópico cunhado por Foucault e o corpo-vetor que passa pela situação da pandemia. Em outro flanco, as discussões das Interseccionalidades em obras de Carla Akotirene, Helena Hirata e Dayanne N. de Conceição de Assis trouxeram abordagens fundamentais para se compreender a posição das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias. Ao perceber esses cruzamentos, compreende-se o quanto a arte teatral e a literatura de mulheres ainda está ausente nos currículos escolares, mas se descortina na produção experienciada por essas estudantes, que preenchem com as estéticas poéticas de artistas contemporâneas e com suas próprias estéticas autorais a ausência das artes das mulheres no espaço acadêmico ainda patriarcal, branco e cisheteronormativo.

PALAVRAS-CHAVE: 1. PERFORMANCE; 2. POÉTICAS DO CORPO, 3. MULHER, 4. GÊNERO E LITERATURA; 5. ARTES CÊNICAS

INTRODUÇÃO:

Quando em 2019, um coletivo de meninas ganhou corpo na escola, a primeira percepção foi que uma mudança significativa na abordagem às questões de gênero havia sido tensionada no ambiente acadêmico do instituto. O Coletivo Matricarias, um grupo de mulheres fundado no dia 22 de fevereiro

do referido ano, por iniciativa de alunas do técnico de informática do IFMG-Campus Ouro Branco, com apoio de professoras e servidoras, partiu da realidade de um não-lugar destinado às mulheres em todas as esferas da sociedade, inclusive no ambiente acadêmico, hegemonicamente masculino e que acaba se tornando espaço de discriminação, silenciamento e assédio. Repletas de histórias pessoais que envolviam aspectos variados dessas violências veladas, as alunas propunham a discussão de temas que lhes eram caros e dolorosos, estiveram entre as protagonistas de um movimento que ganhou forma dia após dia em reuniões, rodas de conversas, caminhadas. Assim, a auto-organização do coletivo buscou ocupar e construir seu lugar, recusando a marginalização dos corpos e das opiniões, dos direitos e das demandas das mulheres. Por meio da interseccionalidade, procurou-se entender as particularidades de cada uma para compreendermos nossa luta em totalidade, em ações de resistência coletivas no enfrentamento ao sistema capitalista, patriarcal, racista e LGBTfóbico. Tais ações consistiram, no decorrer dos anos de 2019 e 2020, em intervenções artísticas por meio da música, da poesia e da literatura, além de oficinas, palestras e rodas de conversa dentro e fora do ambiente escolar.

A cada apresentação, a revelação de pontos importantes do universo feminino e feminista davam visibilidade à subjetividade dessas meninas-mulheres que não apenas expressavam na arte as tensões decorrentes de uma sociedade patriarcal e machista, mas também refletiam sobre o fazer artístico, promovendo um ativismo de força e coragem. Na esteira do próprio nome simbólico do coletivo, a Matricaria, mais conhecida como camomila, aparecia como metáfora dessa construção já que ela é uma planta de muita força e foi utilizada por muito tempo por mulheres para cuidar dos ventres femininos. Muitas vezes, ela é tida como uma “plantinha fraquinha”, um “chazinho leve” que serve para acalmar bebês. No entanto, há um grande engano nesse pensamento. É como uma metáfora para os que pensam sobre as mulheres: delicadas, frágeis. No entanto, como salientam pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará, “a camomila (*Matricaria chamomilla* L.) é uma planta comumente usada na medicina caseira, sendo indicada na dispepsia, perturbações estomacais em geral, diarreia, náuseas, inflamações das vias urinárias e distúrbios menstruais” (MAGALHÃES *et al*, 2017, p. 40). Embora seus efeitos ainda sejam pouco explorados pela academia, a camomila é intensamente utilizada nos cuidados da saúde da mulher nos saberes tradicionais. No plano da linguagem, seu nome oficial, Matricaria, significa útero. A camomila é o útero que pulsa em força e resistência. E inspiradas nessa planta, que carrega muita história, que surgiu o nome do coletivo que tem buscado expressar-se em muitas ações que abordam não apenas a busca pelo cuidado do corpo através dos saberes tradicionais dos usos dos chás¹, como

¹ O Coletivo também é parceiro no projeto de extensão *Natureza feminina: das folhas ao corpo* que tem como objetivo conhecer e difundir práticas da medicina natural relacionada à saúde da mulher em encontros coletivos que envolvam associações, grupos e escolas, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e das práticas sobre o uso terapêutico das plantas medicinais com a finalidade de estabelecer um elo entre o conhecimento popular e científico na aproximação da academia e das pessoas de comunidades da região do Alto Paraopeba.

também o cuidado do corpo através da arte em ações cênicas e poéticas. Em 2020, houve a necessidade de análise desses processos que culminaram na produção deste projeto de pesquisa. É importante salientar que, nesta investigação, buscou-se analisar os processos artísticos do Coletivo Matricarias à luz de textos teóricos que versavam sobre os feminismos, a Interseccionalidade e a performance.

METODOLOGIA:

A composição da pesquisa perpassou desde o início a análise dos processos de criação da montagem das performances realizadas pelas alunas. Nesse sentido, não somente buscávamos compreender a potência da expressão artística nas performances, mas também se buscou o aprofundamento de ferramentas de análise do processo de criação artística. Ao observarmos os processos do próprio coletivo nas mais diversas linguagens: música, dança, teatro, desenho, literatura, percebemos o contexto plural da performance, sempre atravessada por muitas linguagens artísticas que sobrepõe em diversas camadas. O artigo “Breve histórico da “performance art” no Brasil e no mundo”, escrito pelo pesquisador José Mário Peixoto Santos trata sobre o conceito de performance e da contextualização histórica do surgimento e consolidação da performance enquanto arte. Em primeiro plano, o artigo se preocupa em discutir o conceito de performance: uma expressão híbrida, com a presença de diferentes formas artísticas, como o teatro, a dança, a música e a poesia. Assim, “devido às suas características “emprestadas” das demais linguagens artísticas, a performance é, por natureza, uma arte multidisciplinar, uma arte de fronteira, podendo também ser definida como uma arte híbrida” (SANTOS, 2008, p. 2).

A composição híbrida é clara na produção das performances do grupo, especialmente, nas buscas por linguagens diversas das artes que as componentes trazem (estudantes de escolas de música, teatro, dança), como também buscam formação e oficinas para aprimorar-se nessas linguagens. Entre os anos de 2019, o coletivo realizou oficinas de canto, dança, coral, percussão e teatro, além de rodas de conversas para temas como feminismo e o papel das mulheres nos mais diversos campos da sociedade. A partir desses processos, o coletivo realizou montagens importantes: em março de 2019, fez a primeira performance que tinha como tema o direito das mulheres, em agosto do referido ano, fez uma delicada cena no dia da visibilidade lésbica e finalizou seus processos em 2019, com a montagem e apresentação do Recital Cênico-poético **Rexistência**.

Em 8 de março de 2020, num evento do 8M na cidade de Ouro Branco em Minas Gerais, organizado por vários grupos de mulheres, o Coletivo Matricarias fez nova apresentação do “Recital Cênico-poético Rexistência” (Figura 1 e 2). O trabalho teve a participação especial da bailarina Clarice Barbosa e poemas autorais e canções representaram a presença dos corpos das mulheres no mundo, suas angústias, opressões, buscas e resistências em meio a tantas fronteiras. A

performance teve ampla participação do público, que acompanhou as performes em gestos e coros. Assim, marcada pelo protagonismo do corpo, que além de criar, é a própria arte, muito próxima do cotidiano e do indivíduo. Nesse sentido, na performance, a construção do espetáculo dialoga diretamente com o público que faz parte da obra e a compõe, a interação é característica fundamental, como salienta Stela Fischer, “construímos redes temporárias para operar um momento de troca, interação e compartilhamento de subjetividades” (FISCHER, 2017, p. 15). Nesses processos, os procedimentos metodológicos passavam pelo registro de fotografias, vídeos, conversas e apresentações das performances. Posteriormente, foram realizadas pesquisas no Instagram do Coletivo e as bolsistas participaram das reuniões do grupo, não apenas como pesquisadoras, mas também como participantes do Coletivo Matricarias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Em todas essas produções artísticas do Coletivo Matricarias, as questões de gênero estiveram presentes e o corpo poderia ser compreendido como um campo de batalha, como um local de denúncia das violências e opressões sofridas, da invisibilidade, da pressão estética, do abuso, da negação. De forma semelhante a outros coletivos de arte potencialmente construídos dentro de estéticas feministas, o Coletivo Matricarias encontra na performance uma forma de expressão das subjetividades das diferentes integrantes e de suas diversas percepções sobre o ser mulher. Sob essa ótica, é por meio da relação com outras mulheres que o grupo se constrói. Como salienta Stela Fischer, “com a intervenção acionamos um espaço sutil de pertencimento que desafia as normas da semelhança. E o nosso compromisso com elas reside no acolhimento que é o nosso gesto político.” (FISCHER, 2017, p.15). O Coletivo Matricarias promoveu diversas rodas de conversas, que buscavam esse acolhimento político, pautadas na sensibilidade e na escuta, criando um lugar de trocas, vivências e construção coletiva de projetos artísticos. É interessante perceber que foi na performance que esse grupo encontrou um meio para a criação de uma rede de mulheres, um meio para contestar as estruturas de opressão e mobilizar outras pessoas, provocando diferentes reações com as apresentações realizadas e, dessa forma, chamando atenção para as violências naturalizadas na sociedade.

Contudo, a partir de março de 2020, outros campos de luta foram travados e a pandemia da COVID-19 limitou um dos eixos básicos do grupo: a presença do corpo, da performance, do coletivo. A última produção artística veio em mídia digital: em agosto de 2021, as Matricarias divulgaram em sua rede social *Instagram* um vídeo-poema sobre “o amor entre mulheres, realizado por mulheres sáficas”. Assim, além de explorar novos suportes e linguagens, o Coletivo passou a fazer reuniões via *Google Meet*, trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritoras

contemporâneas e obras artísticas de performers brasileiras. A partir da observação desses encontros, o aprofundamento teórico, na pesquisa, deu-se através de textos de Stela Fischer para discussão sobre a performance como linguagem artística e Daniela Lima para estabelecer uma relação entre o corpo-utópico cunhado por Foucault e o corpo-vetor que passa pela situação da pandemia, para que pudéssemos compreender essa nova movimentação dos corpos do coletivo em suas ações virtuais e durante a pandemia. Em outro flanco, as discussões das Interseccionalidades em obras de Carla Akotirene, Helena Hirata e Dayanne N. de Conceição de Assis trouxeram abordagens fundamentais para se compreender a posição das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias que atravessavam as performances e os encontros do Coletivo Matricarias.

Durante o processo de pesquisa, a observação da capacidade de criação do Coletivo Matricarias, num processo plural que explorava novos suportes e linguagens, trouxe uma complexa análise da composição das artes no meio escolar. Quando o Coletivo passou a fazer reuniões *online* via *Google Meet*, num primeiro momento trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritoras contemporâneas e obras artísticas de performers brasileiras, a observação da ausência de arte e literatura produzidas por mulheres no currículo regular da escola foi um ponto importante. O currículo escolar se afastava da realidade dessas jovens mulheres, e cada participante do coletivo preencheu essa ausência com uma influência artística, estando entre as artistas rappers, cantoras, poetas, pintoras, performers, escritoras. Entre os nomes, Flora Matos, Gabz (Gabrielly Nunes), Luedji Luna, Letícia Novaes (Letrux), Elza Soares, Clara Nunes se destacam no campo musical; Luciana Arena e Mariana San Martin, nas artes visuais e plásticas; a performer Grada Kilomba nas artes cênicas; e na literatura, jovens escritoras, poetas e *slammers* como Luana Muniz, Ludimila Rodrigues, Jarrid Arraes, Cecília Floresta, Géssica Borges, Mel Duarte, Mídria e Lubi Prates figuram junto a outra geração de poetas como Conceição Evaristo e Hilda Hilst. Esse amplo universo artístico revelou-nos que havia uma gama plural de artistas citadas pelo coletivo que não dialogava com o conteúdo de arte e literatura da sala de aula das estudantes.

Outra ação do coletivo esteve atrelada à preocupação de compreender a própria performance naquele momento, destacando-se o encontro com a artista Yasmin Formiga para discussão sobre performance: objetos relacionais, dança, música, teatro, fotografia e interatividade em sua obra. O encontro foi realizado no *GoogleMeet* em dia 20 de agosto de 2020 e contou com a presença de 28 participantes. Além disso, conversas com outros coletivos como o *Mulheres em Perspectiva* também trouxeram outros olhares sobre o impacto da pandemia sobre as artes performativas, ajudando a reelaborar essa ausência/presença do corpo.

Enquanto o Coletivo Matricarias reelaborava suas linguagens artísticas e recriava as possibilidades de encontros, a pesquisa voltou-se para o aprofundamento teórico. O texto de Stela Fischer (2017)

esteve no cerne da discussão sobre a performance como linguagem artística e o artigo de Daniela Lima (2020) estabeleceu uma relação entre o corpo-utópico cunhado por Foucault e o corpo que passa pela situação da pandemia, que se transforma em corpo-vetor. A partir daí, analisa política e filosoficamente a relação desses corpos em si, entre si, e na sociedade. Em outro flanco, a discussão das Interseccionalidades baseadas em obras das pesquisadoras Carla Akotirene (2019), Helena Hirata (2014) e Dayanne N. de Conceição de Assis (2019) trouxeram uma abordagem interseccional que foi fundamental para se compreender, como dito anteriormente, a posição das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias. Além disso, nos estudos das apresentações do Coletivo Matricarias, as produções artísticas analisadas eram marcadas pelas opressões que atravessavam as integrantes. Tais opressões e explorações vivenciadas compuseram uma expressão coletiva, por meio da poesia e da performance, que denunciava violências enfrentadas, se posicionava contra as estruturas de dominação e reivindicava um espaço de luta e organização. Ao percebemos esses cruzamentos, compreendemos o quanto a arte e a literatura de mulheres ainda está ausente nos currículos escolares, mas se descortina na produção experienciada por essas estudantes, que preenchem com as estéticas poéticas de artistas contemporâneas a ausência do espaço acadêmico ainda patriarcal, branco e cisheteronormativo.

CONCLUSÕES:

Porque existir é resistir.
Performance Matricarias 2019-2020

Compor projetos em um momento pandêmico como o que estamos vivendo é uma forma de criar uma espécie de esperança “em tempos sombrios”, expressão famosa de Hannah Arendt que, separados historicamente os contextos, não deixa de revelar nessas palavras as vicissitudes do presente. Para as mulheres, o cenário é triste: aumento nos casos de violência contra a mulher², o agravamento do desemprego entre mulheres que aumenta ainda mais a desigualdade de gênero³, números que só crescem e nos fazem refletir sobre tantas histórias que, neste exato momento, silenciam e calam, nas casas e na escola, as ideias, pensamentos e conhecimentos das estudantes, seus contextos sociais, culturais, a forma como compreendem seu espaço no mundo. A literatura e o teatro são formas de arte sensíveis a essas diversas realidades, por isso, entender artistas e escritoras presentes na vida dessas estudantes e realizar com elas trocas artísticas possíveis são processos de estímulo a uma escola propositiva. Na pesquisa, interessava sobretudo entender os processos do Coletivo Matricarias, as formas como dialogaram com outras mulheres no coletivo,

² Dados fornecidos pela Fio Cruz. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em 1º de maio de 2021.

³ Dados da coluna UNIVERSA, da UOL. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em 1º de maio de 2021.

suas apresentações e processos de criação, especialmente, em como continuaram seus processos de busca durante a pandemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

FISCHER, Stela. Por que fazemos performance e ativismo feminista? In: **Revista Arte da Cena**. Goiânia, v.3, n.1, p. 08-20, jan-jun/2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/46166>. Acesso em: 25 fev. 2020.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. In: Tempo Social - Revista de Sociologia USP, v.26, n.1, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005. Acesso: jul. 2020.

LIMA, Daniela. **Corpo-vetor e corpo-utópico**. N-1 edições, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/101>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTOS, José Mário Peixoto. Breve Histórico Da "Performance Art" no Brasil e no Mundo. **Revista de Arte Ohun**, [s. l.], dez. 2008. Disponível em: http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze_mario.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021.

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

TRABALHO "Performances e Poéticas do Corpo: Mulheres em Versos" de autoria de "Marie Luce Tavares, Mônica Freitas, Heleniara Amorim Moura, Denise Perdigão Pereira, Paloma Fernanda Sabino Tavares, Luciana Baêta da Silva, Heloísa de Souza Rocha" foi apresentado na área temática "PESQUISA/INOVAÇÃO: Lingüística, Letras e Artes" na forma de vídeo e sessão oral na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Instituto Federal de Minas Gerais, ocorrida no período de 20 a 22 de outubro de 2020. Belo Horizonte.

Trabalho intitulado "PERFORMANCES E POÉTICAS DO CORPO EM TEMPOS DE PANDEMIA" de autoria de Heleniara Amorim Moura, Heloísa de Souza Rocha, Luciana Baêta Silva, Marie Luce Tavares, Mônica de Freitas e Paloma Fernanda Sabino Tavares foi apresentado no Simpósio Temático 5 do "Núcleos de gênero e diversidade na educação profissional: estratégias e resistências", durante a II Jornada Norte-Nordeste de Gênero e Sexualidade na Educação Profissional & II Colóquio "Marielle Franco" de Direitos Humanos e Diversidade, realizados nos dias 19 e 20 de novembro de 2020

Trabalho intitulado "As poéticas dos corpos no Coletivo Matricarias: artes cênicas, mulher e literatura em tempos de Pandemia" de autoria de Heleniara Amorim Moura, Marie Luce Tavares, Mônica de Freitas, Heloísa de Souza Rocha, Luciana Baêta da Silva e Paloma Fernanda Sabino Tavares, foi apresentado no evento XI Congresso da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas), realizado de 13/06/2021 a 18/06/2021.